



"COISAS DO BRASIL"

EDUARDO BRASIL
JORNALISTA / PRODUTOR CULTURAL

Grito de gol



Numa semana de vivas ao radialista, lembro de meu xará e em quem muito me espelhei no rádio: Eduardo Lima. Eduardo, na verdade, se multiplicava em vários "eduardos". Era exímio profissional da comunicação. Não havia espaço que não ocupasse no rádio, na televisão, na música e na literatura. E em várias outras áreas, como da política: foi vereador e secretário de Esportes da capital mineira. Quase virou deputado federal. Era, portanto, um facetado, um "multieduardo", digamos.

Mas estou a lembrar mesmo é de Eduardo Lima, da ZYD7, Rádio Sociedade Norte de Minas, pelos primórdios da década de 1970. Eu era só alegria. Acabara de ser admitido como locutor nos quadros da emissora, iniciando longa passagem pelo rádio. Góia (de "Goiabão", apelido que o acompanhava), me saudou. Entre brincando e falando sério, confessou que algo o incomodava: uma emissora ter muitos "eduardos". Faria uma pequena alteração para resolver o problema.

- Coisa de uma letra - garantiu.

No dia seguinte, a vinheta de seu programa anunciava: "Com vocês: Duardo Lima!"

Góia gostava de inovar. No programa que criou, junto com Reginauro Silva, Georgino Júnior e Patão Guedes, o "Mesa de Boteco", aos sábados, sua irreverência fez até "disco voador" aparecer na quadra do Destaque. A população ouviu aquilo e correu para

ver. E viu que caíra numa pegadinha: era um disco de Roberto Carlos "que alguém atirara pelos ares ao círculo central da quadra esportiva".

Falando em esporte, numa ocasião, Góia decidiu que seria narrador de futebol, ao lado de José Nardel e Gelson Dias, pratos da casa. Elias Siufi, o "Chefe", aquiesceu. Autorização dada, a chamada logo foi ao ar: "Neste domingo tem futebol na Sociedade, com narração de Duardo Lima!".

Chegou o domingo e lá estava ele narrando o embate entre dois grandes rivais do futebol de Montes Claros. Esbanjava talento. Ao seu lado, como comentarista do jogo, o "Chefe" respirava satisfeito. A narração estava impecável. Foi aí que um dos times fez um gol e Góia soltou o vozeirão:

- Ele fez! Ele fez! Ele fez!

O "Chefe" esperava o arremate da emocionante narração. Só faltava o grito mais tradicional do futebol, o grito de "gooll!" para consagrá-la de vez. Em vão. Góia insistia em inovar:

- Ele fez! Ele feez!! Ele feeezz!!

Teve curta passagem pela narração esportiva em Montes Claros, até porque logo se mudaria para Belo Horizonte (onde de novo trabalharíamos juntos na Rádio Guarani e TV Alterosa, nos anos oitenta).

Bem, voltando ao "ele fez", para concluir, naquele domingo Góia não escaparia do conselho do "Chefe", do tipo "devagar com o andar":

- Na narração, o grito de "gol" é insubstituível. No próximo, grite gol!

Gríte com todos os seus pulmões!

Góia ficou devendo. A partida terminou com o placar de um fez a zero. (

(*) Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.

